

A Declaração dos Dezasseis

Um mal-entendido bem cultivado

PELA correspondencia que recebo, cada vez me convengo mais de que muitos daqueles a quem scandalizou a declaração chamada dos dezasseis, — é, parece, o nome que ella tomará na historia — ainda que actualmente tenha mais de cincoenta assinaturas... (1) E centenaes teria, se não nos faltasse o tempo e o dinheiro para escrever para toda a parte. O que, comtudo, não tem importancia nenhuma, porque ainda que houvesse sido eu o unico a assiná-la, nem por isso estaria menos convencido de ter razão, pois que a verdade, em meu entender, não se mede pelo número dos que a reconhecem, mas pela sua propria evidencia. Que importa que haja pessoas bastante cegas para não a verem? que importa que elas sejam a maioria, o que todavia não está provado?

— Mas esta digressão faz-me perder o fio do que queria dizer: volto ao assunto.

Pela correspondencia que recebo, convengo-me cada vez mais de que em muitos daqueles a quem a nossa declaração scandalizou, existe um mal-entendido que os partidarios da paz... da paz sem especificação do que deva ser e sôbre que bases será tratada, cuidadosamente alimentam.

Um antigo assinante de «Les Temps Nouveaux», um professor que foi ferido na linha de batalha e está sob a ameaça de perder o braço direito, escreve-me: «Mas eu tambem não quero a paz a todo o custo; como você, quero o fim do militarismo alemão: mas porque se recusa a ajudar-nos a reatar o acôrdo com o povo alemão?»

Muitos erros em poucas palavras. E' tão pouco verdadeiro recusarmo-nos a discutir com os camaradas ale-

(1) Quinze foram as primeiras assinaturas. Mais de cem registavao ao tempo a *Libre Fédération*, de Lausanne. — N. da R.



mães que, no nosso apêlo, nos declaramos prontos a estender-lhes a mão, se êles quiserem desembaraçar-se da malta que os lançou contra nós.

O que nós recusamos, é falar de paz enquanto o agressor fôr senhor de ditar as suas condições. O que nós recusamos é recaír no êrro que causou a falencia dêsse arremedo da Internacional socialista, é contentar-nos com fórmulas vagas, nada significando senão as precisam, a nada comprometendo enquanto permanecem imprecisas. Não é com o povo alemão que nos recusamos a discutir, mas com os seus «maus pastores», que se fizeram cúmplices dos seus senhores, cõpartilhando mais ou menos os seus sonhos de pangermanização. Aqueles com quem não queremos discutir, são exactamente aqueles que, na parodia da Internacional que criaram para seu proveito, se mantiveram sempre em fórmulas vagas, recusando-se a compromissos precisos e ajudaram os seus políticos e generais a enganar o povo alemão, e que, hoje, voltam com a mesma imprecisão de intuitos e de fórmulas, a falar-nos de paz, de entendimentos, recusando separar-se do seu bando militarista.

Não podemos julgar os homens senão pelo que êles fizeram. Porque havíamos de confiar nos social-democratas que, hoje, veem estender-nos a mão e falar-nos de paz, quando sabemos que êles se tornaram os cúmplices da violação da Belgica, indo pedir aos socialistas belgas que cooperassem com as autoridades alemãs?

Por minha parte, desde o principio da guerra, tenho tentado levantar uma campanha com o fim de induzir a opinião pública a aceitar uma paz que leve ao desarmamento — por mútuo acôrdo — uma paz que respeite os direitos dos povos e facilite a sua reconciliação. Dirigi-me áqueles que podiam fazer-se ouvir do público, pedindo-lhes que organisassem uma liga do bom senso contra a liga dos selvagens — contra os nossos proprios selvagens. Não direi que tudo isto foi em vão, porque as idéias que eu emitia, outros tentavam realizá-las.

Todos áqueles a quem me dirigi se apressaram a... não me responder. Pessoalmente, fiz fiasco. Mas nem por isso a ideia tem deixado de caminhar. E, em todo o caso — os meus artigos o provam — longe de ser adversario dum entendimento com o povo alemão, eu só tenho a preocupação de preparar um terreno de harmonia e de

fazer com que a paz não seja o prefacio duma nova guerra. E, para aí chegar, eu não peço mais do que entender-me com o povo alemão, Sómente espero homens com quem possa discutir sôbre bases precisas, e espero factos que proveem a sua bôa vontade. Eles tinham um homem, um só, que com risco da sua liberdade, com risco da sua vida, talvez, teve a coragem de protestar contra a guerra, fazendo recaír a responsabilidade dela unicamente sobre o govêrno alemão. Esse homem, excomungaram-no os social-democratas e deixaram-no prender. Não sejamos, pois, uma vez ainda iludidos pela sua duplicidade. Exijamos-lhes garantias.

«Nós, tambem não», diz-me o meu correspondente, «nós tambem não queremos a paz a todo o custo.» E eu creio que muitos camaradas a querem tanto como êle. Mas então levem os zimmerwaldinos a precisarem o seu programa, pois que a imprecisão pode abrigar toda a especie de equívocos.

Escreveram-me alguns, e um camarada mobilizado, durante uma licença em Paris, teve ocasião de o ouvir a varios zimmerwaldinos: — «Devia-se deixar passar a inundação alemã sem resistencia, a vida continuaria e alguns anos depois far-se-ia em toda a Europa contra o militarismo centralizado uma revolução de todos os povos, de acôrdo com os elementos democraticos da Alemanha». E teem este raciocinio de cobardes, individuos que se dizem anarquistas, que se pretendem revolucionarios!

Uma vez sob a pata prussiana, êsses individuos não fariam revoluções, como não querem que se faça resistencia: só se adornam das grandes palavras de fraternidade e humanidæde, para mascarar o seu egoismo e a sua poltroneria. Se a agressão alemã era um perigo para a revolução humana, não havia remedio aenão defendermo-nos dela. E foi o que se fez. Prestar o dorso a um redobramento de opressão, sob pretexto de preparar a revolução, lembra aqueles da Comuna que, ao verem as coisas mal paradas, se meteram em casa, reservando-se, ao que diziam, para as grandes desforras futuras, — o que, de resto, não valeu de nada a alguns, porque foram fuzilados exactamente como os que lutaram até ao fim.

(Conclue).

J. GRAVE.